

Sob a égide do nacionalismo: relações literárias entre Brasil e Argentina no século XIX*

Maria Eunice Moreira**

*Busco uma literatura original, expressão brilhante
e animada de nossa vida social...*
Esteban Echeverría

Resumo

Estudos sobre as relações entre o grupo de nacionalistas românticos brasileiros e o grupo argentino, no século XIX, aproximados pela discussão sobre as literaturas nacionais, mecanismo que, nesses contextos, objetivava respaldar a emancipação política.

Palavras-chave: Argentina. Brasil. Relações literárias. Nacionalismo.

1 Introdução

Em estudo sobre o processo de escritura das histórias literárias na América Latina, no século XIX, o crítico uruguaio Hugo Achugar afirma que “as sociedades latino-americanas que emergiram da ordem colonial construíram novos imaginários sobre a base de projetos de alcance nacional e/ou regional que – quer apoiando-se na estrutura de um estado nascente, quer desenvolvendo formas de identificação local – reformularam os imaginários pré-existentes. Nesse sentido, a ruptura com a ordem colonial supôs uma necessária legitimação das novas autoridades e da nova ordem republicana que se instaurava. A tarefa não foi simples”.¹

Se a tarefa não era simples, talvez disso não tivessem consciência os jovens que, imbuídos do espírito nacionalista, ensejados por essa “nova ordem”, de que fala Achugar, deram início às discussões e às proposições

* Este texto retoma, em parte, o artigo publicado no *Caderno de Pesquisas em Literatura*: VII Seminário Internacional de História da Literatura, v, 16, n. 1, publicado pelo PPGL/PUCRS, em 2010.

** Doutora em Letras (PUCRS). Professora Titular da Faculdade de Letras da PUCRS e Pesquisadora do CNPq. (E-mail: mem.poa@terra.com.br)

¹ ACHUGAR, Hugo. A escritura da história ou a propósito das fundações da nação. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 33.

das literaturas nacionais. A nascente literatura brasileira para a qual a historiografia insiste em reivindicar a ligação com a França e com outros países europeus (com a Inglaterra, por exemplo), pode ser avaliada dentro do quadro da América hispânica, especialmente com a Argentina, onde, de modo geral, o Brasil não é colocado. Outra questão sugere ainda que na Argentina as teses formuladas pelos *hermanos* davam-se em compasso de tempo e de conteúdo muito semelhantes às dos brasileiros. Um terceiro aspecto ainda pode ser mencionado: os cidadãos da América portuguesa e os cidadãos da América hispânica manifestavam preocupações literárias semelhantes, possibilitando que se afirme que as ideias de *unos* e de outros cruzaram-se no espaço, no tempo e, em especial, nos periódicos de ambos os lados.

2 Olhares oblíquos entre Brasil e Argentina

Começamos pelo Brasil. Em 1836, o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, já consagrado por seus *Suspiros poéticos e saudades*, obra que abre oficialmente o Romantismo no Brasil, divulga a reflexão que, desde algum tempo, vinha formulando sobre a história da literatura brasileira. Nesse ano, apresenta-se em Paris, no Instituto Histórico daquela cidade, para ler aos membros da ilustre agremiação o “Discurso sobre a história da literatura do Brasil”. Analisado na nossa contemporaneidade, o texto funciona mais como uma carta de intenções do que propriamente como um discurso sobre a história da literatura. Para assumir a perspectiva historiográfica, o “Discurso” deveria dar conta de um passado literário, recuperando no tempo as obras e os autores que compunham, em 1836, o acervo nacional. Magalhães não atinge esse objetivo, porque o passado artístico pouco ou quase nada tinha a registrar, sobretudo no momento em que a nação declarava que a seleção tinha de ser feita sob o critério do nacional. Voltar ao passado, nesse caso, poderia significar recuperar os temas que não interessavam aos nacionalistas: escrever a história dos portugueses em solo brasileiro, na recém-emancipada nação, ou dar pela falta de autores e de obras nacionais, uma vez que o patrimônio artístico era escasso. A independência brasileira, oficializada em 1822, exigia que outra independência, a política, viesse acompanhada da literária, e Magalhães opta por declarar a segunda como forma de atestar a primeira. O espaço é propício: a Europa precisa ouvir que estamos independentes e que no Brasil imperial os tempos querem ser outros.

O caminho vislumbrado para concretizar a nova ordem exige também a materialidade da ação. Apenas falar à plateia de intelectuais franceses não basta; é necessário que a palavra escrita fique registrada para que ela ecoe no Brasil, que está distante, e entre os brasileiros, enfim, que se faça ouvir aquém e além mar. É assim que a história literária do poeta do Romantismo migra do meramente verbal para o escrito, passando para as páginas da revista que ele e seus amigos nacionalistas – Manuel de Araújo Porto Alegre

e Francisco de Sales Torres Homem – fundam nesse mesmo ano, em Paris, sob o nome de *Niterói*, Revista Brasiliense de Ciências, Artes e Letras, cuja divisa era “Tudo para o Brasil e pelo Brasil”. O “Discurso”, agora intitulado “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”, aparece no número de inauguração do periódico. Nele, fica expresso que “uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma ideia até então quase desconhecida; a ideia de pátria; ela domina tudo, e tudo se faz por ela e em seu nome”.² Aberta a corrida em direção à nacionalidade da literatura com o “Discurso” e a *Niterói*, a geração romântica acelera a reflexão sobre a literatura para o Brasil e as condições em que ela deveria apresentar para garantir a originalidade, traduzida na representação dos aspectos particulares do Brasil.

Enquanto o Brasil vive essa situação, do outro lado da fronteira, na Argentina, os nacionalistas portenhos encetam sua campanha em prol da literatura nacional e original, estimulados pelo Salóon Literário de Buenos Aires, realizado em junho de 1837. Nesse evento, foi discutida as bases da cultura nacional, visando dar forma à proposta de Juan Maria Gutierrez de estabelecer um divórcio completo com a herança espanhola. A preconizada autonomia literária corresponderia, no plano da arte, à independência política, reafirmando, pela literatura, o que havia sido conquistado no plano da política.

As aproximações entre o Brasil e a Argentina têm pontos em comum que, fugindo ao terreno da literatura, atingem outro espaço – o das lutas. Em 1840, logo após o Ato Adicional que concede a maioria a Pedro II, o Brasil vive movimentos convulsivos de Norte a Sul: a Revolução Farrroupilha tem sua continuidade e, no Nordeste, focos rebeldes são registrados no Maranhão, na Bahia e em Pernambuco. No mesmo compasso guerreiro, no país vizinho, Juan Manuel Rosas se fortalece como governador, centralizando o poder nacional. A decorrência desse estado político é o exílio dos jovens que participaram do Salóon Literário de 1837.

Apesar da situação de rebeldia face às diferenças regionais, o Brasil começa a vivenciar um nucleamento no campo da cultura e, em especial, da literatura. Em 1839, é fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a edição de livros que focam a literatura brasileira começa a aparecer. Em 1841, Joaquim Norberto de Sousa Silva publica *Modulações poéticas*, um livrinho, segundo ele, escrito em vinte dias, no qual inclui um “Bosquejo da história da poesia brasileira”, abrindo o ciclo de obras sobre a literatura nacional. Em 1843, José Manuel Pereira da Silva apresenta o *Parnaso brasileiro*, no qual insere “Uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira”, e um ano depois Norberto lança, com o francês Emile Adet, o *Mosaico poético*, que vem precedido de uma “Introdução sobre a literatura nacional”.

² MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil: estudo preliminar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Crítica Literária Romântica no Brasil: Primeiras Manifestações*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 27-39, ago. 1999.

O discurso historiográfico sobre a literatura brasileira toma corpo com esses empreendimentos, mas assinala uma situação pelo menos paradoxal: os críticos enfatizam o “caráter nacional” da literatura, mas essa, ou seja, o produto literário é ainda escasso e sem passado. O adjetivo *nacional* avulta sobre o substantivo *literatura* – rarefeito e inconsistente.

É nesse cenário em que a formulação teórica ganha mais volume e corpo do que a própria materialização em torno de obras e autores, que Joaquim Norberto publica, nas páginas do *Minerva Brasiliense*, Jornal de Ciências, Letras e Artes, suas “Indagações sobre a literatura argentina contemporânea”, mostrando estar atento ao desenvolvimento literário em outros territórios que vivenciaram a situação colonial. O texto, que aparece no número dez do periódico carioca, provavelmente é motivado pelo “Certamen poético”, realizado em Montevidéu, em 1841, quando foi discutida a nascente literatura argentina, no movimento pósrevolucionário de 1830. Entra em jogo, nesse Certamen, o caráter nacional que a literatura vinha tomando entre os argentinos, o que, certamente, chama a atenção do nacionalista brasileiro.

Joaquim Norberto apresenta uma análise circunstanciada da obra poética de alguns dos primeiros autores argentinos, assumindo caráter de precursoriedade em relação aos críticos daquele país. Muitos anos mais tarde, na década de 1960, o crítico argentino Félix Weinberg reconheceu a posição de primazia de Norberto, ao afirmar: “es un verdadero precursor pues precede a Juan Maria Gutierrez y a los estudios más recientes todavía de Ricardo Rojas, sin olvidar los juicios expuestos por Marcelino Menéndez y Pelayo em su *Historia de la poesía hispano americana*”.³

O artigo publicado no *Minerva* tem repercussão imediata. Esteban Echeverría, um intelectual argentino, em exílio no Uruguai, nessa ocasião, estimulado pelo texto, insiste com seus compatriotas que passavam pelo Rio de Janeiro para relacionar-se com o autor das “Indagações”. Esteban Echeverría escreve então a um amigo que sairia do Rio de Janeiro em direção ao Chile:

En el n. 10 de la “Minerva [sic] brasiliense” hay un artículo sobre la literatura argentina que debe llegar a Chile y publicarlo. Hay muchos aquí que desearían ver la continuación prometida. Procure relacionarse con el autor de esse artículo y estímúlele a continuar sus *indagaciones*. Nos conviene mucho el juicio (que no puede ser sino imparcial) de los extranjeros. Es el modo de confundir a los envidiosos y a los pandilleros. El autor de este artículo manifiesta buen criterio literario y un conocimiento poco común, aun entre nosotros, de la literatura argentina.⁴

³ WEINBERG, Félix. *La literatura argentina por un crítico brasileño en 1844*. Rosario: Universidad Nacional del Litoral, 1961. p. 34.

⁴ Carta desde Montevideo de fecha de 24 de Diciembre de 1844, a un amigo próximo a salir para Chile del puerto de Rio de Janeiro. ECHEVERRÍA, Esteban. *Obras completas*. Buenos Aires: Antonio Zamora, 1951. v. 1, p. 552-553.

Echeverría obviamente vislumbra no artigo de Norberto uma tomada de posição política e uma maneira de provocar certas suscetibilidades que a conjuntura social em que vivia engendra. Mesmo assim, é francamente favorável à publicação do artigo no Chile, a ponto de para isso comprometer-se ou expor-se mais do que devia ou podia:

Si no se dice la verdad, la literatura no puede adelantar, porque el pueblo no tiene criterio propio, y ni las obras ni los talentos serán apreciados debidamente. Soy de opinión que se debe hablar sin embozo y alto cuando se trata de progreso literario y político: – Estoy resuelto a hacerlo, sufra el que sufra. De otro modo no se anda, se retrocede o se está inmóvil. Haga usted y todos los amigos de Chile lo mismo, para que marchemos unidos em espíritu y en tendencias.⁵

Nesse mesmo tempo, escreve a Juan Maria Gutierrez, outro argentino que se encontrava no Rio de Janeiro, vindo da Europa, contando-lhe a impressão que o artigo lhe havia provocado: “Contiene además verdades que ninguno de nosotros se ha atrevido a proclamar, por no ferir a los que no han perdonado medios para desconceptuarnos.”⁶ Gutierrez imediatamente procura Joaquim Norberto para uma entrevista, fornece-lhe materiais e informações para o segundo artigo que o brasileiro pretendia escrever e dele recebe um exemplar autografado de *Modulações poéticas*, de 1841, com a dedicatória: “Ao Ilmo. Sr. D. Juan Maria Gutierrez oferece o Autor”. Gutierrez anotou a lápis, abaixo da assinatura: “febrero 24 de 1845 R. de Janeiro”.

Sabe-se que Norberto não publicou o artigo prometido, mas, por outro lado, a presença de Gutierrez na história da literatura que o brasileiro vinha escrevendo (empreendimento de fôlego, em 15 volumes e para o qual assinou contrato com Garnier) é significativa, se não das relações de amizade entre os dois, pelo menos da coincidência de pensamentos entre eles. Na década de 1840, Joaquim Norberto escreve dois ensaios de historiografia literária para o *Minerva Brasiliense* – “Estudos sobre a literatura brasileira durante o século XVII” (1843) e “Considerações gerais sobre a literatura brasileira” (1844) – que podem ser considerados embrionários dos capítulos da inconclusa *História da literatura brasileira*, que publica na *Revista Popular*, a partir de 1859. Dos sete capítulos escritos, quatro trazem indicações do pensamento de Juan Maria Gutierrez que não só é mencionado como fonte, como textualmente comparece em citações:

Os importantes trabalhos, em que tantos ilustres literatos se não ocupado de nossa literatura, me serviram na confecção desta história; citando muitas vezes seus belos trechos, me

⁵ ECHEVERRÍA, 1951, p. 552-553.

⁶ Idem, *ibidem*.

escudo na sua opinião mais segura e de mais critério, que por certo não é a minha. Cabe pois aqui louvar [...] entre os americanos Santiago Nunes Ribeiro, J. M. Gutierrez e J. Mármol.⁷

Na época em que Joaquim Norberto está envolvido com a redação desses estudos, outro argentino, José Mármol, viaja para o Rio de Janeiro, em 1843, fugindo de Rosas, num exílio que se estende pelo espaço de três anos. A estada mais prolongada na capital do Império permite-lhe o contato com os românticos brasileiros e com os empreendimentos nacionalistas que movimentam essa geração. Mármol em seguida introduz-se entre os intelectuais, abrindo espaço para publicar no *Minerva Brasiliense*, como registra em carta a Gutierrez, “Escribo también en la Minerva”, datada de 13 de setembro de 1845, mas sua contribuição mais significativa está em *Ostensor Brasileiro*, um jornal editado por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira. O *Ostensor Brasileiro* constitui uma espécie de resistência ao programa nacionalista do Império, porquanto muitos de seus textos se opõem à visão com que o Brasil é desenhado pela corte imperial.

Nesse jornal, Mármol encontra espaço para publicar seus ensaios, reunidos em duas séries distintas. A primeira, denominada “Fragmento da minha carteira de viagem”,⁸ que aparece em 1845, defende que o fazer literário, nos territórios americanos, precisam liberar-se dos preceitos europeus, preconizando a independência literária como corolário da autonomia política. A apresentação desses tópicos nesse primeiro conjunto de artigos amplia-se sobretudo nos números seguintes do *Ostensor Brasileiro*, para os quais o jovem argentino contribui com outro feixe de artigos, sob a identificação “Juventude progressista do Rio de Janeiro”.

Também nesses artigos adota uma perspectiva americana, enfatizando a necessidade de rompimento com os velhos padrões europeus. A novidade literária que exige para a América provém do Romantismo – esse movimento constitui a vanguarda que traz a modernização. Juventude, Romantismo e progresso, na concepção de Mármol, são termos quase equivalentes, pois seus objetivos encaminham para a renovação, e é isso que pretende e exige para a América, também nova.

Disposto a realizar uma análise do papel da juventude na construção da literatura brasileira, Mármol observa uma ausência de diretrizes e, por isso, não reconhece uma literatura nacional representativa. A almejada renovação literária não encontra ressonância na sociedade brasileira, cujos parâmetros são ainda muito conservadores. Segundo sua avaliação, a sociedade está fadada ao isolamento e à esterilidade, a

⁷ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Introdução histórica sobre a literatura brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 21-33, jan.mar. 1860.

⁸ MÁRMOL, José. Fragmento de minha carteira de Viagem. *Ostensor Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845.

não ser que forças inteligentes revertam o quadro cujo diagnóstico não é favorável. Falta ao Brasil uma “efervescência social e política que acompanhe e sustente os processos de mudança literária”.⁹ Mármol deseja que a literatura brasileira nasça da verdadeira emancipação política, obtida pela revolução, e é esse o modelo que almeja: “exportar para os intelectuais cariocas o impulso liberador, traduzido à moda argentina”,¹⁰ como diz Adriana Amante.

Inserida no momento em que o Império brasileiro busca sedimentar seu poder, através da instituição de mecanismos legitimadores de sua potência, principalmente alicerçados nas ideias nacionalistas dos componentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujo chefe e presença marcante é o Imperador Pedro II, a análise desse estrangeiro poderia provocar objeções dos brasileiros mais comprometidos com o processo cultural. No entanto, Mármol recebe acolhida por parte do grupo romântico. Esse assentimento pode ser medido pelo fato de que Joaquim Norberto, que havia escrito em 1841 um “Bosquejo da história da poesia brasileira”¹¹ e se dedica à escrita da *História da literatura brasileira*, recorre às ideias do amigo argentino para subsidiar seu empreendimento. A sintonia entre os dois talvez resulte do fato de que, para ambos, o quadro brasileiro apresenta deficiências, em função da feição particular que tomou o processo de emancipação da colônia em relação a Portugal, onde não houve uma ruptura violenta, possibilitando a permanência de padrões conservadores e ultrapassados.

Em abril de 1846, José Mármol empreende a viagem de retorno a seu país, e essa volta propicia o confronto entre o cenário de sua origem e o diferente, vivido no Brasil. A comparação que decorre de sua observação permite-lhe reconhecer que, apesar dos problemas ainda evidentes na incipiente sociedade brasileira, há “uma Constituição que determina com precisão os direitos e os deveres do governo e do povo, e uma liberdade que é, sem disputa, um feito positivo e não uma teoria de escritores”,¹² ao contrário da Argentina, onde o ordenamento político ainda é precário.

Dessas relações entre *hermanos* e irmãos, entre argentinos e brasileiros, decorrem algumas observações importantes para o processo político e cultural que vivenciam o Brasil e a Argentina. Alicerçadas geralmente no silêncio, citadas com raridade e parcimônia, ocultas por motivos políticos e ideológicos, sobretudo de lá para cá, tornam-se, porém, vozes

⁹ AMANTE, Adriana. O estrangeiro, muito romântico: a literatura dos escritores românticos argentinos exilados no Brasil. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (Org.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG; Nelam/FALE/UFMG, 2000. p. 151-158.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ SILVA, 1998.

¹² WEINBERG, 1961.

soantes para a leitura da história da literatura de ambas as nações. Para o Brasil, o aval dos estudiosos estrangeiros, agora representado pelos intelectuais do Sul do continente, continua a tradição que os primeiros estudos historiográficos anunciaram: a persistência nas condições naturais do país, especialmente a natureza como elemento fundador da literatura nacional. A natureza tropical, vista pelos olhos desses argentinos, reforça o projeto imperial de constituição da literatura – e da nação – razão pela qual podem publicar seus “Fragmentos” nos jornais do Rio de Janeiro. O escritor argentino, exilado e politicamente deslocado em sua terra, era bem-vindo no Brasil onde desfrutava da posição de “viajante estrangeiro nas demandas do movimento romântico brasileiro”.¹³

Na Argentina, a metáfora de Echeverría de que o sol punha medo a seus olhos – adquiria o sentido de que a nascente literatura tinha outro projeto e outra mirada. Entre eles, a natureza não se apresentava como o signo orientador para a expressão literária. Para lá, o passado também tinha de ser encarado, como no caso do Brasil. Mas enquanto os brasileiros revolviam os anos anteriores à Independência em busca da tradição literária, como recomendava a lição de Ferdinand Denis, para nele encontrar o produto representativo desse país solar e natural, na Argentina, do lado de lá, para usar uma expressão do escritor gaúcho Aldyr Schlee, onde a planura se impõe mais do que o sol, havia necessidade de “borrar” o passado para buscar outra construção, talvez mais voltada para a civilização do que para a barbárie.

Os olhares oblíquos entre o Brasil e a Argentina têm também outra conotação e está impregnada da ideologia dos produtores desses discursos. José Mármol é um revolucionário, homem capaz de interpretar as contingências do colonialismo e as suas conseqüências para o pensamento da elite letrada. Joaquim Norberto é homem do governo, vinculado ao Império e amigo pessoal do Imperador Pedro II, o que facilita seu entendimento de que a literatura brasileira tinha já existência real. Enquanto Norberto tem uma visão nacionalista e nacionalizante da cultura, Mármol estimula a revolução e exige que a juventude progressista do Rio de Janeiro corte suas amarras com o passado colonial – só depois poderá falar em literatura brasileira e, por extensão, em literatura nos países americanos.

Há outro ponto crucial entre o círculo literário brasileiro e o platino: o Romantismo do Brasil e o Romantismo argentino movimentam-se em duas direções. No Brasil, Pedro II unifica e centraliza a pretensão de um império sólido e consistente, exercendo seu papel de mecenas sobre o grupo de intelectuais que com ele compartilham a possibilidade desse Romantismo. Não há fissuras entre o grupo da nação e o grupo da literatura. Na Argentina, ao contrário, o Romantismo deve afigurar-se com outra concepção: não há um passado que una o governo e os intelectuais,

¹³ AMANTE, 2000. p. 151-158.

mas esses almejam escrever para firmar sua oposição ao governo central. Se, no Brasil, a literatura reforça o poder, na Argentina, a formação dessa literatura constitui um contrapoder.

José Mármol dizia que as ideias não têm pátrias, mas se essa não é a discussão que se impõe nesse momento, possibilita, porém, levantar outras questões sobre o momento histórico em que se inscrevem essas reflexões – a década de 1840 do século XIX; sobre esses dois espaços distintos e distanciados – o Brasil e a Argentina, em particular; sobre esses homens que vivenciaram contingências singulares e que mantiveram fugazes e efêmeras relações – Gutierrez passou pelo Brasil, em viagem, José Mármol permaneceu no Brasil três anos e Joaquim Norberto, pelo que se sabe até hoje, nunca visitou um país da América do Sul ou sequer deixou o Rio de Janeiro.

3 Conclusão

Se tentei começar de um começo que por si é imaginado, como disse no início deste texto, aproximo-me de um final, que, não encerrando a proposta, possibilita novas abordagens quanto são os imaginários possíveis sobre essas relações. E um deles parte do entendimento de Hugo Achugar de que “foi nas letras que se expressava, se formulava ou se construía o nacional”,¹⁴ reforçando a ideia de “fundação pela palavra” nos estados-nação da América Latina, no século XIX. O processo, portanto, ainda que com as nuances próprias de cada espaço e observadas as peculiaridades históricas, evidencia que lá e cá, ou seja, entre os nacionais brasileiros e os *hermanos* argentinos, a tarefa patriótica privilegiava a expressão artística diferente da tradição colonialista, de modo a reforçar a nova ordem política vigente. Superar a gesta política exigia, pois, um enfrentamento a fim de promover a própria historicidade discursiva, e essa, pelo menos nesse momento, realizou-se muito mais pela palavra do que pelas armas.

Recebido em maio de 2011.

Aprovado em maio de 2011.

Under the Aegis of Nationalism: Literary Relations between Brazil and Argentina in the 19th Century

Abstract

Studies on the relations between the romantic Brazilian nationalist group and Argentinean group, in the nineteenth century approximated by the discussion of national literatures, a mechanism that, in these contexts, aimed to support the political emancipation.

Keywords: Argentina. Brazil. Literary relations. Nationalism.

¹⁴ ACHUGAR, 2003, p. 52.

Referências

ACHUGAR, Hugo. A escritura da história ou a propósito das fundações da nação. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

AMANTE, Adriana. O estrangeiro, muito romântico: a literatura dos escritores românticos argentinos exilados no Brasil. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (Org.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG; Nelam/FALE/UFMG, 2000. p. 151-158.

ECHEVERRÍA, Esteban. Carta desde Montevideo de fecha de 24 de Diciembre de 1844, a un amigo próximo a salir para Chile del puerto de Rio de Janeiro. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Antonio Zamora, 1951. v. 1.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil: estudo preliminar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Crítica Literária Romântica no Brasil: Primeiras Manifestações*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 27-39, ago. 1999.

MÁRMOL, José. Fragmento de minha carteira de Viagem. *Ostensor Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Introdução histórica sobre a literatura brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 21-33, jan.-mar. 1860.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Modulações poéticas. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

WEINBERG, Félix. *La literatura argentina por un crítico brasileño en 1844*. Rosario: Universidad Nacional del Litoral, 1961.